

O Modelo Elton John (MEJ)

Uma modelagem descritiva em PNL de estratégias criativas e performáticas de um gênio da música pop

André Percia

Psicólogo Clínico, Master Trainer em PNL, Hipnose e Coaching

Para Elton John, uma força da natureza e uma lenda da música, obrigado por me inspirar por mais de quarenta anos em múltiplos níveis.

Resumo

Este artigo apresenta uma modelagem descritiva, em Programação Neurolinguística (PNL), das sequências sensoriais e decisórias que organizam a maneira como Sir Elton John compõe a partir de letras prontas, performa ao vivo e colabora em estúdio. Três macroestratégias são formalizadas: MEJCOMP (composição a partir de letras finalizadas, via um “filme interno”), MEJPERF (estratégia performativa que integra cinética de piano de show, prosódia vocal e pistas de persona) e MEJCOL (um protocolo de colaboração que protege o estado de composição).

As fontes incluem depoimentos em primeira pessoa, materiais autorizados e oficiais, além de gravações audiovisuais de apresentações ao vivo e programas de TV. O objetivo é formalizar padrões observáveis de percepção e decisão sem reivindicar autoridade experimental. A modelagem utiliza notação clássica de PNL (V/A/K com distinção externo/interno, ciclos TOTS – Teste–Operação–Teste–Saída, mapeamentos simples de pista para resposta) e ancora afirmações em uma Matriz de Evidências (Apêndice A), classificando cada observação como Primária (P), Curada ou Encenada (C) ou Científica (S).

Propõem-se critérios didáticos (B1–B7) para que o modelo seja ensinável, treinável e passível de avaliação comportamental, ao mesmo tempo em que se respeitam os limites inerentes ao uso de material público e a necessidade de validação experimental futura. Mais do que explicar Elton John por completo, o MEJ busca oferecer um exemplo rigoroso de modelagem em PNL, aplicável à criatividade, à performance e ao treinamento, mesmo para pessoas que não são musicistas.

1. Contexto: Elton John como alvo de modelagem

Sir Elton John é uma das figuras mais duradouras e prolíficas da música popular britânica e mundial. Desde o fim da década de 1960, ele mantém uma produção extensa de

álbuns, turnês e colaborações, com uma parceria de composição extraordinariamente estável com o letrista Bernie Taupin. O catálogo inclui baladas clássicas, temas para filmes, hits de arena e apresentações beneficentes amplamente documentadas.

Para leitores que não têm a obra de Elton John vívida na memória, três imagens são suficientes para localizar o território:

- Um pianista flamboyant em um grande piano de cauda, frequentemente usando óculos e casacos marcantes, sentado no centro do palco como eixo do show.
- Um estilo melódico que combina refrões fortes e cantáveis com uma harmonia rica, misturando rock, pop e influências gospel.
- Momentos de concerto em que o público bate palmas e canta em sincronia, especialmente em refrões muito conhecidos, enquanto Elton conduz a energia com gestos discretos, pausas e variações de intensidade.

Vários fatores tornam Elton John um alvo particularmente atraente para modelagem profissional em PNL: décadas de produção consistente, relatos convergentes do seu processo criativo, um papel musical relativamente estável, uma persona performática reconhecível e um volume abundante de material gravado que permite observar microcomportamentos em contexto.

O Modelo Elton John (MEJ) não tenta resumir biografia, discografia ou vida pessoal. Em vez disso, focaliza três blocos de comportamento altamente recorrentes e ensináveis: MEJCOMP (como ele transforma letras prontas em canções, a partir de um filme interno e de testes prosódicos), MEJPERF (como organiza a performance ao piano e sincroniza o público) e MEJCOL (como protege o estado criativo em processos colaborativos).

2. O que foi modelado – e por quê

Em termos clássicos de PNL, modelar significa mapear a sintaxe da excelência: a sequência relativamente estável de percepções e decisões que gera um desempenho extraordinário. Não se trata de biografia nem de crenças pessoais, mas de uma descrição operacional de como alguém faz o que faz em nível de processo.

Neste trabalho, o foco é descritivo, não terapêutico. Não se afirma que o MEJ, por si só, cure medo de palco, bloqueios criativos ou problemas clínicos. A intenção é produzir um modelo suficientemente claro para ser ensinado, praticado, criticado e refinado.

Esse enquadramento segue a tradição clássica da PNL, na qual Bandler e Grinder tratavam a modelagem como extração de uma sintaxe da experiência a partir de desempenhos exemplares, e dialoga com o trabalho posterior de Robert Dilts em *Strategies of Genius*. O MEJ, portanto, descreve padrões que possam ser replicados e eventualmente falsificados, sem confundir modelagem com culto à personalidade nem com promessas terapêuticas indevidas.

3. Corpus e contextos de observação

O modelo foi construído a partir de um corpus híbrido, combinando depoimentos em primeira pessoa, materiais autorizados e oficiais e gravações de performances ao vivo. Entrevistas em profundidade descrevem como Elton recebe letras, vê filmes internos e vai ao piano; documentários e bastidores mostram sessões de estúdio e criação; e shows, programas de TV e eventos beneficentes revelam como os padrões se repetem ao longo de décadas.

Para cada fonte, registraram-se contexto, tipo de comportamento observável e natureza da evidência: Primária (P), quando envolve testemunho em primeira pessoa ou performance relativamente crua; Curada ou Encenada (C), quando o material é claramente editado, ensaiado ou produzido; e Científica (S), quando se tratava de achados de pesquisa relevantes sobre sincronia, prosódia ou efeitos da vestimenta sobre estados mentais.

O objetivo não é provar causalidade, mas aumentar a robustez descritiva: quando o mesmo padrão aparece em múltiplos contextos e fontes, torna-se mais plausível tratá-lo como parte da estratégia central, e não como acaso ou construção de edição.

4. Notação, integridade e limites de inferência

A modelagem utiliza uma notação de PNL simples: V, A e K para os canais visual, auditivo e cinestésico; e e i para indicar externo e interno (Ve, Vi, Ae, Ai, Ke, Ki); ciclos TOTS – Teste, Operação, Teste, Saída – para descrever ciclos decisórios; e mapeamentos simples de pista para resposta, como letra impressa evocando filme interno ou pausa pré-clímax evocando aplauso.

A notação é descritiva e não pretende ser um modelo neurológico literal. Para preservar a integridade, descrevem-se processos internos apenas quando o comportamento os sugere fortemente e quando são necessários para explicar padrões estáveis; dá-se atenção a tempo e latência, não apenas ao conteúdo; e ancoram-se afirmações centrais em uma Matriz de Evidências em que cada observação é marcada como P, C ou S.

Mesmo com esses cuidados, o modelo tem limites claros: baseia-se principalmente em material público, muito dele editado; mostra, em geral, sucessos, não fracassos; e não dispõe de medidas fisiológicas ou experimentais diretas. Por isso, o MEJ deve ser visto como um modelo de trabalho, adequado para ensino, experimentação e refinamento, e não como retrato definitivo da mente de Elton John.

5. O motor técnico: da letra à prosódia

Em termos gerais, Elton lê a letra até que ela vire um filme interno vívido; mantém esse filme enquanto engata um pulso cinestésico; vai ao piano e permite que surja um primeiro motivo musical que parece pertencer àquele filme; testa a prosódia, verificando se as sílabas tônicas das palavras caem naturalmente nos tempos fortes do compasso; e, quando letra, filme e pulso clicam cinestesicamente, passa a repetir, variar e estender a ideia musical.

Em notação de PNL, o pipeline composicional pode ser resumido como $Ve \rightarrow Vi \rightarrow Ki \rightarrow Ae \rightarrow Ai$, seguido de um teste de encaixe prosódico que resulta em saída ou em novo ciclo de ajustes. Em termos de TOTS, há um primeiro teste sobre a conexão entre letra e filme, uma operação de leitura e imaginação, um segundo teste sobre o encaixe prosódico e uma operação de ajuste de motivo, andamento e acento, culminando em saída quando ocorre o clique cinestésico.

Esse motor se desdobra em três macroestratégias: MEJCOMP, o ciclo composicional da letra à canção; MEJPERF, a estratégia performativa que organiza atenção, energia e sincronia do público; e MEJCOL, o modo de colaborar que protege o estado criativo por meio da separação de papéis e fases.

6. MEJCOMP – da página ao piano

A estratégia de composição começa quando Elton recebe uma letra concluída. Ele lê em silêncio, às vezes repetindo trechos, até que um filme interno se forme: cenas, climas, imagens e movimentos associados às palavras. Esse filme não é um storyboard literal, mas uma sensação visual em movimento que sintetiza o mundo da letra.

Quase ao mesmo tempo, surge um pulso, uma sensação de tempo: um compasso implícito, um balanço corporal, um “andar” interno da música. As mãos vão ao teclado e um primeiro motivo curto emerge, com algumas notas e um desenho rítmico que parecem pertencer àquele filme. Muitas vezes, esse motivo é repetido várias vezes, como se estivesse sendo testado contra a imagem interna.

À medida que o motivo se repete, Elton dá peso especial à prosódia: observa onde caem as sílabas tônicas da letra, se elas pousam naturalmente sobre os tempos fortes do compasso e se alguma palavra soa forçada ou deslocada. Quando a prosódia se assenta, ocorre um clique cinestésico claro, muitas vezes acompanhado de mudanças sutis na expressão, na postura ou na intensidade do toque.

A partir daí, ele expande verticalmente, na harmonia e nos voicings, e horizontalmente, em novos trechos melódicos, o material que passou no teste. Se a sensação de clique se perde, pode retornar a etapas anteriores, ajustando tempo, contorno ou acento. Formalmente, MEJCOMP pode ser descrito como um ciclo TOTS em que o primeiro teste pergunta se o filme está ligado à letra, a primeira operação envolve ler, imaginar e engatar o pulso, o segundo teste verifica se a letra pousa bem na métrica e a segunda operação ajusta motivo, andamento e acento até que a saída seja sinalizada por um K-Click consistente.

Para ilustrar, considere a linha de abertura de uma balada como “Your Song”. Mesmo sem citar a letra inteira, é fácil ouvir como as sílabas acentuadas caem naturalmente sobre os tempos fortes de um compasso simples em 4/4. Esse é precisamente o tipo de alinhamento prosódico que MEJCOMP testa: letra, filme interno e pulso cinestésico convergem de forma que a linha pareça pertencer àquela métrica, em vez de ser forçada dentro dela.

6. MEJPERF – engenharia de palco e sincronia coletiva

Se MEJCOMP descreve como uma canção nasce da letra, MEJPERF descreve como ela é encenada ao vivo de modo a manter o estado criativo-performático de Elton, sincronizar o público em palmas, canto e emoção e conduzir o show como uma sequência de estados, não apenas de músicas.

Alguns componentes recorrentes incluem a ancoragem cinestésica no piano, que funciona como eixo espacial e físico da performance; o uso deliberado de figurinos e óculos como pistas visuais de estado; a gestão da atenção do público, simplificando o acompanhamento em refrões para que todos possam cantar sem esforço; pausas pré-clímax que criam micro suspensões de expectativa; e o uso de padrões rítmicos simples para gerar entranhamento, de modo que o grupo inteiro se trave em um mesmo pulso.

MEJPERF não trata de carisma vago, mas de organizar tempo, espaço e sinais de forma que o público possa entrar em sintonia e sustentar o estado junto com o performer, como se vê

quando Elton reduz o virtuosismo em favor de um refrão coletivo ou marca downbeats com gestos mínimos, porém claros, antes de soltar o público para cantar sozinho.

7. MEJCOL – colaboração que protege o estado criativo

MEJCOL descreve como Elton John participa de colaborações criativas sem sacrificar o estado de composição descrito em MEJCOMP. Três elementos são centrais: a separação de papéis, com Bernie Taupin escrevendo letras completas sem Elton interferir em tempo real; uma janela silenciosa protegida durante a qual Elton compõe sem crítica externa; e fases distintas de avaliação e refinamento que só começam quando um esboço suficientemente forte já emergiu.

Em termos de TOTS, MEJCOL protege o ciclo inicial de criação, evitando que julgamentos e negociações invadam a fase de geração de material. Crítica e lapidação são realocadas para um TOTS posterior, em que a pergunta deixa de ser “isso pertence a esse filme?” e passa a ser “como tornamos isso mais coeso, gravável ou performável?”.

8. Critérios didáticos de avaliação (B1–B7)

Para que o MEJ seja ensinável e treinável, foram definidos sete critérios comportamentais. B1 é a vividez do filme interno: o praticante consegue relatar um filme vívido a partir de um texto, distinguindo cenas, climas e movimento. B2 é o assentamento prosódico: letra e métrica encaixam de forma natural, sem esforço auditivo. B3 é o K-Click: um momento identificável em que corpo e expressão sinalizam “é isso”.

B4 é a sincronia do público: em contextos de fala ou performance, o grupo entra em batida ou clima conjunto com latência baixa. B5 é a economia verbal: nas partes mais fortes, há redução de redundâncias e floreios, com poucas palavras altamente funcionais que o público consegue repetir. B6 é a proteção da janela silenciosa: durante a fase de criação, o praticante consegue manter um espaço protegido, com baixa interferência crítica, antes de abrir para feedback. B7 é a taxa de replicação quente: uma vez que o padrão foi estabelecido, ele pode ser replicado com consistência em múltiplos contextos, sem depender de inspiração aleatória.

Código	Nome	Descrição	Exemplo / Escala / Observação
B1	Vividez do filme	Qualidade do filme interno (Vi): cor, profundidade, movimento e estabilidade enquanto se lê a letra.	Escala 0–10: 0 = nenhuma imagem discernível; 10 = cena multissensorial vívida e estável.
B2	Assentamento prosódico	Grau em que as sílabas tônicas pousam naturalmente nos	Escala 1–7: 1 = tropeços frequentes; 7 = alinhamento consistentemente natural, sem esforço.

		tempos fortes, com hesitação mínima.	
B3	K-Click	Força da confirmação cinestésica de “é isso” quando letra e métrica se intertravem.	Índice comportamental: repetição imediata e fluente sem rere; avaliado de 0 a 10.
B4	Sincronia do público	Quão rápida e estável é a forma como o público entra em entrainment com os sinais do performer.	Medido em compassos entre o sinal e o momento em que a plateia passa a bater palmas/cantar em tempo; quanto menor, melhor.
B5	Economia verbal	Relação entre o tempo gasto falando sobre opções e o tempo gasto produzindo material até o K-Click.	Qualitativo: conversa Baixa / Média / Alta; o objetivo é alta produção com discussão necessária, porém concisa.
B6	Proteção da janela silenciosa	Presença e respeito a uma janela protegida após receber letras/briefing.	Binário com notas: houve janela silenciosa? Houve violações?
B7	Taxa de replicação quente	Número de repetições bem-sucedidas nos minutos após o K-Click, sem rere o material.	Contar quantas vezes o padrão é repetido fluentemente nos primeiros três minutos.

9. Aplicações transversais

Embora tenha sido extraído do contexto da música popular, o MEJ é transversal a várias áreas. Na oratória e em apresentações em público, filme interno, prosódia e pausas podem ser usados para aquecer o público, ancorar estados e organizar clímax. No ensino e na tutoria, aulas podem ser tratadas como músicas, com aberturas que evocam cenas vívidas, ritmos de interação bem definidos e refrões conceituais que se repetem ao longo da experiência. Na facilitação e no design de experiências, criação e crítica podem ser separadas em fases, com janelas silenciosas protegidas para ideação.

10. Usando o MEJ em treinamentos

Para Trainers e Master Practitioners em PNL, o MEJ não é apenas um modelo descritivo, mas uma fonte de exercícios concretos que tornam a modelagem algo experiencial na sala de aula. Como MEJCOMP, MEJPERF e MEJCOL são especificados comportamentalmente e ligados a critérios claros (B1–B7), cada macroestratégia pode ser transformada em um treino focado.

Uma forma simples de desenhar isso é tratar as três macroestratégias como três trilhas paralelas de treinamento. No drill MEJCOMP, participantes recebem um texto curto e são convidados a construir um filme interno vívido a partir dele, marcar um pulso simples e experimentar variações de prosódia, usando B1 a B3 como marcadores de feedback. No drill MEJPERF, o foco é sincronia e liderança de estado, com refrões curtos e frases de chamada e resposta, avaliadas principalmente por B4 e B5. No drill MEJCOL, pequenos grupos simulam uma sessão de criação com janela silenciosa protegida, contrastando fases de geração e fases de avaliação, tornando B6 e B7 tangíveis.

Usado dessa forma, o MEJ se torna uma ponte entre o trabalho clássico de estratégias na PNL e a prática contemporânea de treinamento, oferecendo um estudo de caso concreto, culturalmente reconhecível, que pode ser destrinchado, praticado e avaliado sem que os participantes precisem ser músicos profissionais.

11. Discussão: ortogonalidade, limites e valor pedagógico

Uma vantagem importante do MEJ é a ortogonalidade entre as três macroestratégias. MEJCOMP trata da transformação de letras em canções; MEJPERF, da engenharia de performance e sincronia coletiva; e MEJCOL, da organização de relações e fases para proteger o estado criativo. Essa separação permite ensinar cada macroestratégia em módulos distintos, combinar blocos conforme a necessidade e analisar falhas de performance perguntando qual macroestratégia falhou, em vez de culpar a personalidade do performer.

Ao mesmo tempo, há limites claros. Muito do material disponível é editado e, portanto, enfatiza sucessos. Não se dispõe de medidas fisiológicas ou experimentais diretas para validar inferências internas. E o modelo foi construído a partir de um único indivíduo excepcional; generalizações exigem estudos comparativos. Ainda assim, como ferramenta pedagógica, o MEJ oferece algo raro na PNL: um modelo rico o suficiente para ser interessante, específico o suficiente para ser treinado e criticado e humilde o suficiente para convidar à pesquisa, em vez de se declarar definitivo.

12. Conclusão e direções futuras

O Modelo Elton John (MEJ) propõe-se como um exemplo de modelagem profissional em PNL aplicada à criatividade e à performance. Ao formalizar MEJCOMP, MEJPERF e MEJCOL, descreve como letras se tornam canções por meio de filmes internos, pulsos cinestésicos e testes prosódicos em ciclos TOTS; como uma performance ao piano pode sincronizar milhares de pessoas em um mesmo estado; e como a colaboração pode ser organizada para proteger a fase criativa de interferências prematuras.

Longe de encerrar o assunto, o modelo abre perguntas férteis: como músicos e não músicos respondem a exercícios baseados no MEJ? Quais elementos se mostram mais fáceis de aprender – filme interno, prosódia, sincronia, proteção de janelas criativas? E que tipos de pesquisa, de campo ou experimental, poderiam testar e refinar os componentes do modelo?

Para a comunidade de PNL, o MEJ oferece um convite a usar menos rótulos vagos e mais descrições explícitas de processos que possam ser ensinados, praticados, testados e, se necessário, revisados.

Apêndice A – Matriz de Evidências (visão geral)

A Matriz de Evidências detalha episódios específicos, descreve o comportamento observado, indica a notação em PNL utilizada e classifica cada entrada como Primária (P), Curada ou Encenada (C) ou Científica (S). Recomenda-se que o leitor consulte a versão completa da matriz ao aplicar o MEJ em contexto de pesquisa ou treinamento avançado.

Código	Afirmação de modelagem	Exemplo (descrição breve)	Tipo de fonte
M1	Composição rápida a partir de letras prontas	A folha com a letra é entregue; após breve leitura silenciosa, Elton vai ao piano e uma estrutura completa de canção emerge em poucos minutos.	C (imagens documentais/de estúdio)
M2	Leitura silenciosa e olhar elevado	Período curto de leitura em silêncio seguido de elevação do olhar ligeiramente acima da página antes de as mãos irem ao teclado.	C
M3	Filme interno guia o movimento das mãos	As mãos se movem com mínimo tatear; o primeiro motivo aparece alinhado à imagética da letra, em vez de exploração aleatória.	C + P (comentários autobiográficos sobre “ver” as músicas)
M4	Prosódia como teste de aceitação	Tentativas são mantidas ou descartadas com base em as sílabas tônicas caírem naturalmente dentro da métrica.	C + S (pesquisa em prosódia e ritmo)
M5	Confirmação cinestésica do K-Click	Quando a prosódia se assenta, há repetição imediata e	C

		fluente e movimento para capturar a ideia.	
M6	Entrada em persona via vestimenta e postura	Figurino de palco e postura antecede de forma confiável as mudanças para o estado performático.	C + S (enclothed cognition)
M7	Sincronia do público com o tempo forte	Palmas/canto do público travam no tempo forte após pequena latência, uma vez introduzido o refrão.	C + S (pesquisa sobre entrainment e sincronia)
M8	Ortogonalidade de papéis na colaboração	Letras entregues como texto finalizado; a composição ocorre em fase separada; as discussões de arranjo acontecem depois.	P (autobiografia) + C
M9	Janela silenciosa protegida	Nenhum comentário ou sugestão é feito enquanto Elton lê as letras pela primeira vez e começa a tocar.	C
M10	Alta taxa de replicação quente	Material novo é repetido diversas vezes rapidamente, sem reler, consolidando o padrão.	C

Apêndice B – Glossário essencial

MEJ – Modelo Elton John;

MEJCOMP – macroestratégia de composição;

MEJPERF – macroestratégia de performance;

MEJCOL – macroestratégia de colaboração;

TOTS – Teste–Operação–Teste–Saída, ciclo decisório usado para descrever ajustes iterativos;

K-Click – clique cinestésico de encaixe quando letra, filme e prosódia convergem;

B1–B7 – critérios comportamentais propostos para avaliação didática do uso do modelo.

Ve / Vi – Visual Externo / Visual Interno. “Externo” refere-se ao que é visto no

ambiente; “interno” refere-se a imagens geradas na mente.

Ae / Ai – Auditivo Externo / Auditivo Interno. “Externo” refere-se a sons no ambiente;

“interno” refere-se a som imaginado ou subvocalizado.

Ki – Cinestésico Interno. Sensações corporais, incluindo senso de ritmo, pressão e o próprio K-Click.

Assentamento prosódico – Processo pelo qual as sílabas tônicas da letra encontram colocação natural dentro da métrica musical, reduzindo acentos estranhos ou tropeços.

Replicação quente (*hot replication*) – Repetição rápida de material recém-criado, sem reler ou reconferir, usada para estabilizar e codificar o padrão.

Ortogonalidade – Neste contexto, separação de papéis e fases (escrever letras, compor, arranjar etc.), de modo que essas operações não interfiram de forma destrutiva umas nas outras.

Referências

Adam, H., & Galinsky, A. D. (2012). Enclothed cognition. *Journal of Experimental Social Psychology*, 48(4), 918–925.

Bandler, R., & Grinder, J. (1975). *The structure of magic I*. Science and Behavior Books.

BBC Studios. (2007). Parkinson – Part one/two [Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=C_KQci5-dUk

Dilts, R. (1994–1995). *Strategies of genius* (Vols. 1–3). Meta Publications.

Elton John Official. (2017). Elton featured in American Epic. <https://www.eltonjohn.com/stories/elton-featured-in-american-epic>

Inside the Actors Studio. (2005). Inside the Actors Studio [Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=uB_NhnjjrMs

John, E. (2019). *Me*. Macmillan.

Limb, C. J., & Braun, A. R. (2008). Neural substrates of spontaneous musical performance. *PLOS ONE*, 3(2), e1679.

Nozaradan, S., Peretz, I., & Mouraux, A. (2012). Selective neuronal entrainment to the beat and meter of music. *Journal of Neuroscience*, 32(49), 17572–17581.

PBS. (2017). American Epic — Sessions: Elton John and Jack White. <https://www.pbs.org/wnet/american-epic/>

PBS. (n.d.). American Epic | Sessions: Elton John & Jack White [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=YXfET5Zv3OM>

Wiltermuth, S. S., & Heath, C. (2009). Synchrony and cooperation. *Psychological Science*, 20(1), 1–5.